

# Me Desfarei de Tudo e Fugirei para o Botão (2018): Discurso sobre o Desespero

Patrícia Teles Sobreira de Souza<sup>1</sup>

A câmera documenta o processo de desnudamento de um corpo que se esvai no espaço, a massa que se dissipa e se transforma sem sair do lugar. O enquadramento da imagem revela um cômodo preenchido por objetos agrupados, alegoria da mudança. Comunica o momento de transição e desaparecimento que transcende o espaço e invade o corpo. Uma composição de oposições entre a matéria pulsante e o ambiente doméstico estático.

A série “Me desfarei de tudo e fugirei para o Botão” é composta por quatro autorretratos produzidos em 2018, um ano difícil para o Brasil. Para citar alguns casos, Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes, foram brutalmente executados, um incêndio destruiu o Museu Nacional e uma profusão de “fake News” interferiu no processo eleitoral. 2019 não deixou por menos, rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, incêndio na Amazônia, lideranças indígenas assassinadas, extinção do MinC (Ministério da Cultura), cortes na Educação, vazamento de óleo no litoral Nordeste, censura no Cinema, discursos autoritários que evocam à Ditadura... Diante deste cenário, como seguir, como resistir?

Combater a cafetinagem da pulsão, medula do inconsciente colonial-capitalístico, implica construir para si um outro corpo, abandonando a carapaça de um corpo estruturado na dinâmica do abuso – como os gafanhotos abandonam seu exoesqueleto para que um outro corpo, ainda embrionário, possa germinar e tomar o seu lugar.<sup>2</sup>

As palavras de Suely Rolnik nos dão uma pista. Para a psicanalista, a cafetinagem é a base da economia capitalística que, na atualidade, transcende o campo econômico e domina também a subjetividade, apropriando-se da nossa potência criativa, da nossa “essência germinativa”. Segundo a autora, é preciso, por meio da micropolítica, a criação de novos modos de existência que correspondam às demandas do nosso “corpo-vibrátil”, ou seja, um saber-do-corpo<sup>3</sup> que transcende a percepção e a cognição.

Neste contexto, a sequência de fotografias apresenta o movimento plasmado de um corpo feminino, fantasmagórico e angustiado, que busca dissolver sua carapaça para que outro corpo possa germinar.

Recebido em 06 de novembro de 2019.

Aprovado em 27 de dezembro de 2019.

<sup>1</sup> Artista-pesquisadora transdisciplinar. Doutoranda em Artes, na linha de pesquisa Arte e Tecnologia (UnB); mestrado e especialização em Lenguajes Artísticos Combinados - Universidad Nacional de las Artes (Buenos Aires, 2016); pós-graduação em Arte, Cultura e Sociedade no Brasil - Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, 2012); e bacharelado em Artes Cênicas - Habilitação em Direção Teatral - UFRJ (2008).

<sup>2</sup> ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: Edições N-1, 2018, p. 138.

<sup>3</sup> (...) poderíamos chamar de intuição; mas como esta palavra pode gerar equívocos, prefiro chamá-lo de “saber-do-corpo”, ou “saber-do-vivo”, ou ainda “saber eco-etológico”. Um saber intensivo, distinto dos conhecimentos sensível e racional próprios do sujeito. (ROLNIK, p.54, 2018)



